

Povos Indígenas no Brasil

Fonte A Crítica

Class.: AM-Extratrativismo

Data 03.07.89

Pg.: 07

Extratrativismo é melhor que destruir floresta

Arquivo

WASHINGTON — Se fosse vivo, o dúbil de líder seringueiro e ecologista Chico Mendes, assassinado no Acre em dezembro do ano passado, deveria se sentir vingado ao descobrir que a ciência, finalmente, corroborou com dados numéricos uma velha tese pela qual ele brigou durante um bom tempo de sua curta vida. Chico achava que a melhor maneira para se preservar a floresta tropical amazônica era explorando, de maneira racional, os seus frutos naturais em reservas extrativistas — evitando devastá-la para extrair madeira ou cultivar pasto para gado. Um artigo publicado no último número da respeitada revista científica Nature, não apenas endossa como avança as idéias do sindicalista brasileiro.

"Dados relativos ao inventário, produção e atual valor de mercado para todas as espécies de árvores que existem em um hectare da região amazônica, indicam que a floresta tropical vale muito mais do que se imaginava e que os benefícios financeiros da extração de madeira são, na verdade, negligenciáveis se comparados àqueles gerados pela extração de produtos naturais", afirmam os três autores do estudo — o biólogo Robert Mendelshon, da Universidade de Yale, o botânico Alwyn Gentry, do Jardim Botânico de Missouri, e Charles Peters, botânico e economista do Jardim Botânico de Nova Iorque.

Cálculos — Os três passaram três anos levantando a fauna e a economicidade dos produtos encontrados em um hectare de floresta amazônica no Peru, numa região ribeirinha ao Rio Nanay, afluente do Amazonas, 30 quilômetros a sudoeste da cidade de Iquitos. O inventário da área, logo de cara, confirmou a riqueza e adversidade ecológica que os cientistas já se acostumaram a observar na Amazônia. Os três pesquisadores catalogaram 275 espécies diferentes num universo de 842 árvores, das quais 74 geravam frutos — desde frutas comestíveis a óleos vegetais e cacau, passando pela borracha e ervas medicinais. Para descobrir o valor do mercado dessa riqueza, os autores contabilizaram a produtividade das mercadorias à disposição naquele hectare e calcularam seu preço no mercado de atacados de Iquitos.

Feito isto, reduziram da conta os custos com mão-de-obra — considerando o salário mínimo no Peru em 87 (US\$ 2,5) como base — e transporte, calculado, a partir de dados da Organização Mundial de Alimentos, em 40% do valor total, e chegaram à conclusão de que aquele pedaço de terra renderia ao longo de um ano



Preservada, a floresta produz lucros permanentes e altos

cerca de US\$ 422. "Levando em conta que as frutas e o látex podem ser coletados ano a ano, o valor financeiro total destas fontes de riqueza é muito maior que o valor de apenas um ano de colheita", afirmam os autores do artigo. Eles admitem que a atividade madeireira, se fosse levada a cabo no mesmo hectare, renderia em seu primeiro ano cerca de US\$ 1000. "Mas muito em breve esse ganho se reduziria a zero, pelo simples fato de que a floresta e o solo não teriam condições de se regenerar a tempo suficiente de produzir novos lucros a curto prazo", escreveram os autores na Nature.

Valor da terra — Concluída essa etapa, os pesquisadores fizeram novos cálculos para descobrir o valor da terra — isto é, o preço de um hectare de floresta amazônica que, ao invés de devastado para extrair madeira ou implantar a pecuária, seja apenas explorado para a extração de produtos nativos. Os cálculos foram feitos a partir do valor de mercado da produção anual projetado para os próximos 50 anos, um método padrão para cálculo do valor da terra na Amazônia. Peters e os co-autores descobriram então que, ao contrário do que reza a lenda, esse hectare está avaliado em US\$ 6.820, contra US\$ 2.960 para o hectare onde as árvores foram derrubadas para dar passagem ao gado. Os dois últimos preços foram encontrados em circunstâncias de cálculos idênticas ao do primeiro mas, ao contrário deste, os hectares-bases utilizados ficam na Amazônia brasileira, cujo gado e madeira alcançam preços mais altos na cotação internacional.

A publicação do estudo de Peters, Mendelshon e Gentry deu mais força política, entre os grupos ecológicos europeus e norte-americanos, à tese de que o suces-

so da preservação da Amazônia não está ligado ao isolamento da floresta do resto do mundo, mas sim à execução de um programa econômico de exploração auto-sustentável de suas riquezas — de resto, uma idéia que eles aprenderam com Chico Mendes e seus seringueiros. "Parques nacionais no Terceiro Mundo só existem no papel, até porque os governos não têm dinheiro para cuidar deles", afirma um dos autores do artigo, o economista Charles Peters. "A floresta amazônica precisa ser utilizada economicamente para se salvar da destruição".

Os resultados do estudo da revista Nature deixam uma pergunta no ar. Se eles indicam claramente a viabilidade financeira e ecológica da exploração da floresta em reservas extrativistas, por que, então, os países amazônicos insistem em estender suas fronteiras pecuárias? Seus autores têm uma resposta na ponta da língua para explicar essa ordem de coisas. "Para começar, os governos da região não querem reconhecer a vitalidade econômica desse tipo de extração de produtos naturais não-madeireiros, porque em geral ele é feito por populações marginalizadas, que pouco ou nenhum relacionamento têm com os políticos que comandam esses países", diz Charles Peters.

"Depois, no momento, gado e madeira alcançam quase que imediatamente um valor de troca por dólares no mercado internacional, coisa que frutas como o cupuaçu e o açaí e as ervas medicinais amazônicas ainda não têm", continua ele, apontando para o fato de que a mudança dessa situação exige uma política de reformulação global da atividade econômica na floresta tropical, envolvendo desde o estabelecimento de novos ramos de atividade, até o marketing desses produtos no exterior.

Sorvetes também na luta ecológica

Genuinamente brasileiras. Com o sorvete, o consumidor vai receber um panfleto explicando os perigos que rondam o futuro ecológico da Amazônia.

"Eu não quero lucrar nada com esse novo sabor", diz Ben. "Sonho apenas em conscientizar os americanos para a questão ecológica", afirma ele, que só este ano

vai trazer 45 toneladas de castanhas do Brasil, ao preço total de US\$ 240 mil. Para levar adiante seu sonho, Ben, junto com Clay, fundou uma nova companhia, a Community Products Incorporated, que se responsabiliza pela importação de produtos amazônicos. "Quarenta por cento dos lucros da operação serão enviados de volta para as comunidades de quem com-

pramos as castanhas, sem usar intermediários, e para grupos ecológicos não-governamentais do Brasil", conta o empresário-ecologista que, se obtiver sucesso na sua primeira empreitada amazônica, vai introduzir em suas lojas, ano que vem, sorvetes com o sabor de cupuaçu e açaí.